

DECLARAÇÃO POLÍTICA

Outubro de 2009

António Marinho

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Chegámos ao fim de um ciclo eleitoral. Iniciado no passado mês de Junho com as eleições para o Parlamento Europeu, prosseguiu em final de Setembro com as eleições para a Assembleia da República, finalizando há pouco mais de duas semanas com as eleições Autárquicas.

É altura de fazer um balanço. Obviamente, não o poderíamos dispensar. É ele que nos permite verificar se as estratégias políticas que prosseguimos deram os seus frutos, assim como é também ele que nos permite reparar eventuais erros de avaliação e actuação política que possam ter sido cometidos.

Vamos aos factos. O PSD, nos Açores:

- Alcançou uma vitória em Junho, nas Europeias;
- Obteve um resultado desfavorável nas Legislativas Nacionais de Setembro, embora de dimensão pouco expressiva nos Açores;
- Averbou uma derrota nas Autárquicas de Outubro, ainda que contivesse alguns resultados parcelares favoráveis que amaciaram a perda global verificada.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Não fugimos das responsabilidades e a história aí está para o comprovar. Humildemente, aceitamos sempre o veredicto do povo.

No momento certo, partimos para a avaliação da nossa actuação, bem como dos resultados consequentes. Não temos por hábito avançar com reacções intempestivas, nem sequer fora do tempo. Seja sob a forma de euforias exageradas, seja com audíveis lamentos que apenas alimentam o falso consolo de alguns.

Obviamente, não dispensamos os festejos daquilo que nos faz sorrir.

Esmiucemos, portanto, os factos.

Em Junho, nas Europeias, o PSD ganhou. Nos Açores, como a nível nacional. Por cá, atingiu uma percentagem superior em sete pontos percentuais à obtida pelos socialistas, excedendo em dois pontos a diferença obtida no país. Os socialistas perderam 12,500 votos nos Açores, quando feita a comparação com as eleições análogas realizadas cinco anos antes. Viram a sua expressão eleitoral reduzida em mais de dezasseis pontos percentuais.

Em Setembro, nas Legislativas Nacionais, os socialistas ganharam. É uma verdade que, em bom rigor, deve ficar associada ao facto de se terem ficado por uma percentagem que, nos Açores, não chegou a ser superior em quatro pontos percentuais à obtida pelo PSD, quando em 2005 a diferença atingia quase dezanove pontos. Os socialistas registaram nessas eleições uma perda de cerca de 10,700 votos em relação a 2005, o que significou uma redução da sua expressão eleitoral em mais de treze pontos percentuais.

Tais resultados evidenciam, sem margem para dúvidas, uma tendência de descida no voto socialista. O registo de perdas substanciais nas suas votações e a redução acentuada da sua expressão eleitoral nos Açores são a prova provada dessa afirmação.

E nem se pode dizer que o fenómeno é recente, ou sequer que é resultado de uma “importação” de Lisboa, com a carga da governação arrogante de Sócrates a influenciar o “score” eleitoral nos Açores. Há um ano, nas eleições Regionais, embora ganhando, os socialistas perderam mais de 15,000 votos face a 2004, facto que lança clareza em relação a uma tendência que entendemos estar instalada, uma vez que foi prosseguida nas duas eleições de âmbito mais geral que este ano se realizaram.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Falemos no último capítulo deste ciclo eleitoral recente: o de 11 de Outubro passado. Começemos por lembrar que as eleições Autárquicas assumem características muito próprias. É um conjunto de várias eleições, a nível de concelho e de freguesia. Para cada uma, bem como para o conjunto de todas elas, os partidos concorrentes definem objectivos eleitorais.

Globalmente, as eleições para o poder local do passado dia 11 de Outubro nos Açores foram ganhas pelos socialistas. Nesse dia, o PSD não conseguiu alcançar o seu principal objectivo: assegurar a maioria das Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia açorianas.

É um facto que naturalmente não nos conforta e que entristece quem aprecia a qualidade que a gestão autárquica social-democrata sempre tem evidenciado. E esta, reconhecida e, por isso, legitimada novamente em municípios em que se irá manter o projecto social-democrata nos próximos quatro anos, é também extensiva aos concelhos onde o povo

entendeu que deveria ocorrer uma mudança, ainda que os resultados apresentados pela anterior gestão do PSD se revelassem positivos.

Aceitar o veredicto popular e reconhecer que a democracia mais uma vez funcionou é o nosso sentimento. Aliás, como não podia deixar de ser. Como democratas que somos, é essa a atitude que consideramos ser a única possível. Rejeitamos em absoluto atribuir culpas ao povo se este não nos dá o seu aval nas eleições em que democraticamente participamos. Nunca ninguém nos ouviu dizer que o povo foi ingrato, nem sequer concluir que o povo teve uma actuação estúpida.

Consideramos, contudo, que os resultados eleitorais não devem servir apenas para lamentações. Da mesma forma, entendemos que não devem conduzir apenas à expressão das alegrias. As derrotas devem suscitar reflexão e, obviamente, também aqueles que lograram sair vitoriosos de qualquer despique eleitoral devem reflectir. Pensamos que, independentemente da dimensão dos ganhos ou das perdas, temos sempre boas e más contas a fazer, como terá toda e qualquer outra força política que se envolveu num processo eleitoral. Temos conclusões a retirar e alterações de percurso a empreender, como qualquer partido nestas alturas deve responsabilmente fazer.

Temos a certeza que é esse o comportamento adequado. Estamos certos que não retira legitimidade às vitórias alcançadas, nem branqueia as derrotas sofridas.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Os socialistas, não negamos, têm motivos para satisfação nas recentes eleições Autárquicas. Designadamente com as vitórias alcançadas em cinco autarquias que eram até agora social-democratas. Os insucessos de Vila Franca do Campo, da Povoação, de

Santa Cruz da Graciosa, das Velas de São Jorge e das Lajes do Pico são, para nós, motivo de desilusão. Merecem total solidariedade os nossos companheiros que não tiveram êxito nas respectivas candidaturas.

É o mesmo sentimento que estendemos aos autarcas de freguesia social-democratas que cederam o seu lugar a outros no passado dia 11 de Outubro. Solidariedade que, aliás, é a mesma que dedicamos a todos esforçados candidatos que não conseguiram sair vitoriosos nos concelhos e freguesias em que se apresentaram como alternativa, com propostas credíveis e inovadoras que, infelizmente, não tiveram êxito na escolha popular a que se sujeitaram.

O PSD, contudo, também tem boas razões para sorrir. Desde logo, pode saborear a reviravolta conseguida em Vila do Porto, que cortou com uma dominação socialista de trinta anos. Ou a continuação da série de vitórias retumbantes conseguida em Ponta Delgada. Ou a manutenção da hegemonia, nos trinta e três anos de poder local, no concelho de Nordeste. Ou a vitória para Assembleia Municipal de Santa Cruz da Graciosa, ainda que o sucesso não se tenha estendido à votação para a Câmara. Ou a vitória alcançada na Calheta de São Jorge, que também se mantém genuinamente social-democrata em toda a história do poder local democrático. Ou a manutenção da maioria dos concelhos do Pico, através das claríssimas vitórias obtidas, quer na Madalena, quer em São Roque. Ou a vitória para a Assembleia Municipal da Horta, que acompanhou uma subida significativa nas eleições para o órgão executivo. Ou a reconquista da maioria dos votos para a Assembleia Municipal das Lajes da Flores, onde na respectiva Câmara se obteve uma vitória clara.

Não nos sentimos, evidentemente, com razões para cantar vitória. Globalmente, perdemos a batalha autárquica.

Contudo, não nos sentimos desanimados. Bem pelo contrário. Recebemos excelentes sinais, temos vontade de trabalhar e inunda-nos um forte ânimo para, em luta democrática, com meios idênticos aos nossos adversários, partirmos para a fixação de objectivos ambiciosos para as próximas eleições Autárquicas.

O PSD, a quem se reconhece uma capacidade de regeneração inquestionável, já começou neste momento a “dar a volta”. E, tal como aconteceu em 1993, quando recuperou seis câmaras perdidas quatro anos antes, tudo vai fazer para voltar a ser o partido maioritário no poder local açoriano.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Poderíamos aqui deixar uma nota pormenorizada de um conjunto de situações que, quanto a nós, podem ter gerado desigualdades nos confrontos eleitorais autárquicos. A “força”, o “estilo” com que o Governo Regional “entrou” em alguns concelhos desta Região assumiu por vezes contornos pouco razoáveis, para não dizer que podem ter ocorrido actuações que ultrapassaram a fronteira da legalidade ou que ficaram marcadas por desonestidade política notória.

Deixaremos isso para outro momento. A verdade vem sempre ao de cima e estaremos atentos, em conjunto com os eleitores, em cada concelho, em cada freguesia, denunciando o não cumprimento de promessas feitas pelo governo socialista durante este último confronto eleitoral, cuja vida se poderá ter circunscrito ao curto período da campanha.

Não o faremos agora. O tempo se encarregará de fazer regressar a verdade e descobrir a pantomina. Não podemos, contudo, deixar de fazer uma pequena referência a um facto que consideramos sintomático. Aquele que resulta de um dos desequilibrados empenhos de Carlos César, destinado a segurar o agora perdido “bastião” de Santa Maria, em que os numerosos passeios eleitorais que fez pela ilha redundaram num completo insucesso. A derrota, obviamente, também lhe fica associada.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

No cômputo global deste ciclo eleitoral, alguns gostariam que apenas relevássemos o que nos foi adverso. Não, não o fazemos. Se o fizéssemos, não estaríamos a ser verdadeiros, nem seríamos honestos.

Verdade e honestidade são, para nós, princípios essenciais. São valores que fazem parte do nosso código genético.

Entendemos que, acima de tudo, é isso que merecem os Açorianos.

Tal como dizíamos em Junho passado, depois da nossa vitória nas Europeias: “É assim a democracia. Uns ganham, outros perdem.”

Tivemos de tudo, em apenas quatro meses. Nós... e os outros. Por isso, todos têm, quer razões de contentamento, quer motivos de desagrado. No fundo, todos devem reflectir.

Da nossa parte, já o estamos a fazer, preparando o nosso futuro.

Sob a liderança de Berta Cabral, já estamos a trabalhar, de forma responsável, para o futuro dos Açores!

Disse